

# **Estigma Internalizado: Tradução e Adaptação Cultural da Ismi (Internalized Stigma Of Mental Illness)**

Rhaisa Gontijo Soares<sup>1</sup>; Pollyanna Santos da Silveira<sup>2</sup>; Henrique Pinto Gomide<sup>3</sup>; Fabrícia Creton Nery<sup>4</sup>; Flaviane Bevilaqua Felicíssimo<sup>5</sup>; Gabriela Correia Lubambo Ferreira<sup>6</sup>; Telmo Mota Ronzani<sup>7</sup>.

*1. Discente de Pós-Graduação – Mestrado – do curso de Psicologia da UFJF; 2. Discente de Pós-Graduação – Doutorado – do curso de Psicobiologia da UNIFESP; 3. Discente do curso de Psicologia da UFJF; 4. Discente do curso de Psicologia da UFJF; 5. Discente do curso de Psicologia da UFJF; 6. Discente do curso de Psicologia da UFJF; 7. Docente do Departamento de Psicologia da UFJF.*

Palavras-chave: Validação de escala, estigma internalizado, usuários de substâncias.

## **Resumo:**

Dentre os transtornos mentais, uma das condições consideradas como potencialmente estigmatizadas pela sociedade é a dependência de substâncias (Corrigan et al., 2005; Fortney et al., 2004; Palm, 2006; Room, 2006). No que se refere às conseqüências negativas para os indivíduos estigmatizados, o principal impacto é a internalização do estigma, conhecido como auto-estigma, o qual ocorre quando membros de um subgrupo imerso em atitudes preconceituosas de uma cultura dominante concordam com esses preconceitos, aplicando as atitudes em si (Corrigan & Watson, 2002).

O estudo sobre auto-estigma vem crescendo na literatura internacional, embora este tema não tenha sido enfatizado nos estudos que utilizam amostras de dependentes de substâncias. Além da escassez de estudos nacionais e internacionais sobre o tema, não há instrumentos válidos adaptados ao contexto brasileiro para medir e avaliar o estigma internalizado de pacientes dependentes de substâncias. A relevância deste estudo consiste em traduzir e adaptar culturalmente para a realidade brasileira a escala Internalized Stigma of Mental Illness – ISMI para dependentes de substâncias psicoativas.

Essa escala é composta por 29 itens, numa escala Likert de 4 pontos que varia de discordo totalmente até concordo totalmente (Ritsher, Otilingam & Grajales, 2003). Os itens são agrupados tematicamente em cinco sub-escalas: a) Alienação (6 itens): busca medir a

experiência subjetiva de ser avaliado de forma inferior aos demais membros da sociedade ou ter a identidade deteriorada; b) Aprovação do estereótipo (7 itens): procura medir o grau de concordância dos respondentes com os estereótipos sobre doença mental; c) Percepção de discriminação (5 itens): busca identificar a percepção dos respondentes da maneira como são freqüentemente tratados pelos outros; d) Evitação social (6 itens): busca identificar estratégias de evitação; e) Resistência ao estigma (5 itens): procura descrever a experiência de resistir ou não ser afetado pelo estigma internalizado.

A adaptação da escala para o Brasil foi realizada através de estudo transversal com uma amostra de pacientes de instituição especializada de tratamento de dependência química de Juiz de Fora – MG. O processo de tradução e adaptação cultural consistiu em cinco passos. O primeiro passo iniciou-se com a tradução do instrumento original, que foi feita por dois tradutores, trabalhando independentemente. Em seguida, procedeu-se com a síntese das traduções. Um “juiz neutro” sintetizou em uma versão única as duas traduções. O terceiro passo foi a retro-tradução. Nesta etapa, os tradutores conhecedores da língua do país do instrumento original, trabalharam com a versão única, sem conhecer o instrumento original. Esta etapa destinou-se a averiguar se a versão única traduzida refletia os mesmos conteúdos que a versão original, assegurando a consistência da tradução, a qual contou com a participação da autora da escala. O penúltimo passo foi submeter todo o material ao Comitê de Peritos cujo objetivo foi produzir uma versão final, sintetizando todas as versões produzidas. O último passo foi o pré-teste. O instrumento foi aplicado em 25 indivíduos em uma amostra da população alvo, com o propósito de verificar as dúvidas e a compreensão relativas às questões do instrumento. No entanto, após a aplicação, não foi necessária nenhuma modificação.

A versão traduzida utilizada com os 29 itens foi considerada satisfatória e, eficaz para ser aplicada em uma amostra maior para verificação das qualidades psicométricas do instrumento. A escala de estigma internalizado validada para o contexto brasileiro poderá, futuramente, contribuir na investigação da magnitude dos efeitos do estigma internalizado entre os usuários de substâncias, assim como incentivar profissionais de saúde a incluir a redução do estigma como parte do tratamento.

### **Referências Bibliográficas:**

Corrigan, P. W. & Watson, A. C. (2002). The paradox of self-stigma and mental illness. *Clinical Psychology-Science and Practice*, 9(1): 35-53.

Corrigan, P., Lurie, B. D., Goldman, H. H., Slopen, N., Medasani, K., & Phelan, S. (2005). How adolescents perceive the stigma of mental illness and alcohol abuse. *Psychiatric Services, 56*, 544-550.

Fortney, J., Mukherjee, S., Curran, G., Fortney, S., Han, X., & Booth, B. M. (2004). Factors Associated With Perceived Stigma for Alcohol Use and Treatment Among At-Risk Drinkers. *Journal of Behavioral Health Services & Research, 31*(4), 418-429.

Palm, J. (2006). *Moral concerns - treatment staff and user perspectives on alcohol and drug problems*. Tese de Doutorado, Department of Criminology & Centre for Social Research on Alcohol and Drugs, University of Stockholm, Stockholm.

Ritsher, J. B., Otilingam, P. G. & Grajales, M. (2003). Internalized stigma of mental illness: psychometric properties of a new measure. *Psychiatry Research, 121*: 31-49.

Room, R. (2006). Taking account of cultural and societal influences on substance use diagnoses and criteria. *Research Report, 101*(1), 31-39.